

# Carlos do Carmo, Um Homem na Cidade

Agarro a madrugada  
como se fosse uma criana,  
uma roseira entrelaada,  
uma videira de esperana.  
Tal qual o corpo da cidade  
que manh cedo ensaia a dana  
de quem, por fora da vontade,  
de trabalhar nunca se cansa.  
Vou pela rua desta lua  
que no meu Tejo acendo cedo,  
vou por Lisboa, mar nua  
que desagua no Rossio.  
Eu sou o homem da cidade  
que manh cedo acorda e canta,  
e, por amar a liberdade,  
com a cidade se levanta.  
Vou pela estrada deslumbrada  
da lua cheia de Lisboa  
at que a lua apaixonada  
cresce na vela da canoa.  
Sou a gaivota que derrota  
tudo o mau tempo no mar alto.  
Eu sou o homem que transporta  
a mar povo em sobressalto.  
E quando agarro a madrugada,  
colho a manh como uma flor  
beira mgoa desfolhada,  
um malmequer azul na cor,  
o malmequer da liberdade  
que bem me quer como ningum,  
o malmequer desta cidade  
que me quer bem, que me quer bem.  
Nas minhas mos a madrugada  
abriu a flor de Abril tambm,  
a flor sem medo perfumada  
com o aroma que o mar tem,  
flor de Lisboa bem amada  
que mal me quis, que me quer bem.